

## O ESPAÇO BIOGRÁFICO DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

André Luis Mitidieri<sup>1</sup>  
Leila Cunha Raposo<sup>2</sup>

**Resumo:** em *Um brasileiro em Berlim*, de João Ubaldo Ribeiro (2011), o leitor se vê conduzido a acompanhar, por meio de um narrador-personagem, a experiência de uma família brasileira que vai morar na Alemanha. Desse modo, interessa-nos observar de que forma os gêneros discursivos crônica, (auto)biografia e relato de memória se entrecruzam a fim de delinear um espaço biográfico em meio ao texto literário. Tendo como base teórica principal os aportes de Nestor Garcia Canclini (2003), François Dosse (2007) e Leonor Arfuch (2010), observamos que os hibridismos textuais presentes nessa obra, através da aproximação fronteira entre os gêneros discursivos citados, trazem uma possível alusão à experiência biográfica do escritor baiano.

**Palavras-chave:** hibridismos textuais; *Um brasileiro em Berlim*; gêneros discursivos.

## THE BIOGRAPHICAL SPACE OF JOÃO UBALDO RIBEIRO

**Abstract:** In *Um brasileiro em Berlim*, by João Ubaldo Ribeiro (2011), the reader finds himself driven to follow, through a narrator-character, the experience of a Brazilian family who lives in Germany. In this way, we are interested in observing how discursive genres as chronic, (auto)biography and memory report crosses one another in order to delineate a biographical space amid the literary text. Having as main theoretical basis the contributions of Nestor Garcia Canclini (2003), François Dosse (2007) and Leonor Arfuch (2010), we observe that the textual hybridism present in this work, through the frontier approach between the discursive genres cited, bring a possible allusion to the biographical experience of the Bahian writer.

**Keywords:** textual hybridism; *Um brasileiro em Berlim*; discursive genres;

*Um brasileiro em Berlim* (2011), como o próprio título indica, é um livro de crônicas que relatam a experiência de um brasileiro em terras alemãs. Com narrativas curtas, permeadas pelo humor e descrições de situações cotidianas, o escritor João

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Coordenador do Grupo de Pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura (GPBIO) da UESC.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras UFBA. Pesquisadora voluntária do Grupo de Pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura (GPBIO) UESC.

Ubaldo Ribeiro conduz o leitor a um clima familiar, em cujo enredo passeiam descobertas, estranhamentos, afetividade, memórias e um intercâmbio cultural próprio do estrangeiro que se aventura a conhecer outro país. À medida que a leitura avança, é possível observar que os textos se estruturam a partir de um eu narrativo que é escritor, brasileiro, baiano e se muda para Berlim a convite da *Deutscher Akademische Austauschdienst* – DAAD, uma entidade alemã que convida artistas para passar temporadas na Alemanha e, posteriormente, representarem de forma artística suas impressões sobre o local. Nesse ponto, as características do eu narrativo se entrecruzam às do escritor João Ubaldo Ribeiro que, na década de 1990, foi passar uma temporada na Alemanha com sua família, também convidados pela DAAD. Assim, numa espécie de jogo de esconde-esconde ficcional, em cuja trama tudo pode ser possível, o leitor passeia pela Berlim descrita por um narrador que, aparentemente, faz às vezes do próprio autor narrando uma experiência autobiográfica.

Para além desse jogo narrativo, em cujo enredo se sabe que prevalece o caráter literário dos textos, interessa observar de que modo a experiência autobiográfica de João Ubaldo Ribeiro, suas memórias e vivências auxiliam na composição das crônicas e permitem entrever esses breves relampejos de encontro entre a literatura e a vida que, nos textos, delineiam um microespaço biográfico. Objetiva-se observar como – mais do que um simples relato que poderia servir de guia aos marinheiros de primeira viagem na Alemanha – a experiência dessa viagem propicia ao narrador (re)conhecer aspectos da sua cultura nacional e também as expectativas criadas em torno do ser brasileiro.

Em *Um brasileiro em Berlim*, o entrecruzamento dos gêneros discursivos crônica, autobiografia e relato de viagens é a base para a construção das aproximações entre a literatura e a biografia de João Ubaldo Ribeiro. Desse modo, no entremear das fronteiras entre os gêneros, serão estudados os hibridismos, conforme Canclini (2003), e as inter-relações que se apresentam no espaço biográfico, de acordo com Leonor Arfuch (2010) e François Dosse (2007).

Originalmente lançada na Alemanha em 1994, essa obra pertence ao projeto da DAAD de divulgação da cultura alemã, o que permitiu a ida de João Ubaldo Ribeiro, sua esposa Berenice e os filhos Bento e Chica para Berlim. No livro, já na primeira crônica, o narrador-personagem insere o leitor no âmbito da viagem, a começar pelo

título “Chegada” e trechos em que a relação familiar é narrada, como no momento em que a filha conversa com o pai:

Minha filha Chica, de seis anos, exausta mas aliviada como todos nós, fez um comentário.

- A Alemanha é maior do que o Brasil, hem, pai?

- Não. O Brasil é muito maior.

- Pode ser, mas o aeroporto aqui de Fanfu é maior do que o Brasil, não é, não? (RIBEIRO, 2011, p. 08).

Por meio do diálogo entre pai e filha, o leitor se vê envolvido na viagem e adentra à intimidade das relações familiares pelo tratamento dado à menina – Chica, pela simpatia despertada ao acompanhar a experiência de uma garotinha de seis anos descobrindo outro país e pelo o uso do vocabulário infantil – “Fanfu” para se referir a Frankfurt. Em outro trecho, é novamente Chica quem chama a atenção ao dar uma amigável cotovelada no pai, revelando seu entusiasmo ao ver que já estavam em terras alemãs: “Chica me interrompeu as reminiscências com uma cotovelada. — Pai, pai, Berlim! Berlim!” (RIBEIRO, 2011, p. 10). Assim, é possível observar que o relato ganha contornos de proximidade com o leitor em razão de o narrador expor a sua convivência íntima, pois, enquanto estratégia narrativa, isso reforça o já mencionado clima familiar e envolvente dado às crônicas por supostamente tratar de personagens que aludem à família do romancista baiano. Desse modo, os textos passam por um processo de hibridação de gêneros discursivos e as crônicas assumem elementos da narrativa autobiográfica.

De acordo com Leonor Arfuch (2010), os entrecruzamentos de gêneros são característicos do espaço biográfico tanto em razão da heterogeneidade constitutiva dos gêneros discursivos, quanto por não existirem mais as chamadas “formas puras”, e sim “constantes misturas e hibridizações, em que a tradição se equipara à abertura, à mudança e à novidade” (ARFUCH, 2010, p. 66). Assim, nos textos são apresentados elementos clássicos da crônica, como a tematização de aspectos do cotidiano, entretanto, subvertidos por um eu narrativo que se aproxima da autobiografia e dos relatos de viagens, sem o compromisso de apresentar precisas informações biográficas e/ou turísticas, mas sim subjetivas impressões.

O estratégico transitar de um eu narrativo entre gêneros discursivos diversos nas crônicas ubaldianas reconduz ao centro da narrativa a subjetividade e filia, assim, esses

textos àqueles que têm como enredo a narração de uma vida, os quais são inseridos na conjuntura do espaço biográfico. Para Leonor Arfuch (2010), textos como biografias, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos, cadernos de notas, de viagens, dentre outros, permeiam esse campo plural e múltiplo que é o espaço biográfico, caracterizado por uma “trama de interações, hibridizações, empréstimos, contaminações” (ARFUCH, 2010, p. 63).

De acordo com Néstor García Canclini (2003, p. XIX), a hibridação pode ser entendida como os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Assim, os entrecruzamentos entre os gêneros crônica, autobiografia e relato de viagem, no livro de João Ubaldo Ribeiro, permitem, temática e estruturalmente, a formação de um espaço biográfico plural em cuja trama transitam as vivências, memórias e a literariedade dos textos desse romancista baiano.

Esse estudo sobre hibridação se pauta no que Canclini chama de “capacidade hermenêutica”, ou seja, quando são utilizados os processos híbridos a fim de compreender de que modo eles são úteis para “interpretar as relações de sentido que se reconstroem nas misturas” (CANCLINI, 2003, p. XXIV). Essas misturas não são pacíficas e há o inerente caráter tensional que as acompanha, entretanto, no jogo de forças, perdas e ganhos que se estabelece, interessa observar que o resultado – em constante negociação – da aproximação entre fronteiras diversas nessa obra ubaldiana permite que o leitor passeie pela Berlim de Ubaldo, defronte-se com as lembranças do escritor menino, compartilhe experiências com a família Ribeiro e também se (re)encontre nas percepções do escritor sobre o ser brasileiro em terras estrangeiras.

Para Ernesto Laclau (2010), no prefácio de *O espaço biográfico*, de Leonor Arfuch, a hibridização pode ser entendida como “conformação de novas áreas de indecidibilidade no conjunto social/institucional e como base para o desdobramento de jogos de linguagem mais radicais, que colocam em questão os pontos de referência da certeza” (LACLAU, 2010, p. 9-10). Essa afirmação de Laclau, quando aplicada às crônicas de *Um brasileiro em Berlim*, permite observar que os entrecruzamentos ocorridos nesses textos reforçam o jogo narrativo quanto à possibilidade do que está sendo narrado realmente ter ocorrido com Ribeiro e sua família ou não. Entretanto, para além desse confronto, o que importa nos textos é justamente o retorno à

subjetividade, a presença do eu enquanto representante dos momentos de relampejos em que ocorre o encontro entre a literatura e a biografia do romancista baiano.

De acordo com Arfuch (2010), o espaço biográfico deve ser compreendido como um cenário móvel de manifestações e formas plurais que tematizam, dentre outros aspectos, a narrativa de uma vida. Desse modo, não apenas os textos “clássicos” das narrativas de vidas comporiam esse cenário movediço, mas em especial todos aqueles que permitissem entrever “momentos biográficos” em sua composição:

Não só a autobiografia, a história de vida ou a entrevista biográfica, performadas temática e compositivamente enquanto tais, entrariam em nossa órbita de interesse [espaço biográfico], mas também os diversos *momentos* biográficos que surgem, mesmo inopinadamente, nas diversas narrativas, particularmente midiáticas (ARFUCH, 2010, p. 74, grifo da autora).

Na crônica “Sexy Brasil, Sexy Berlin”, o narrador relata suas percepções quanto à forma como os brasileiros são vistos de modo geral e, em determinado trecho, rememora uma experiência de viagem aos Estados Unidos ao relatar o comportamento que teve para atender às expectativas dos amigos estrangeiros quanto ao que eles consideravam que era característico do ser brasileiro:

Uma vez, durante um jantar no Arizona, quando eu era estudante nos Estados Unidos, experimentei grunhir um pouco, enquanto comia com a cara quase encostada no prato — e fiz grande sucesso. É claro que então eu só tinha vinte anos e, nessa idade, fazem-se coisas que depois dos quarenta não se fazem, mas ainda é possível satisfazer as expectativas dos amigos do Primeiro Mundo. Basta um certo ar primitivo, uma risada levemente inquietante e ar de pasmo diante de novidades tecnológicas, tais como fogões elétricos, geladeiras, ou mesmo isqueiros — quase tudo que não seja de madeira ou couro serve. Villa-Lobos, o grande compositor brasileiro (ou colombiano, ou venezuelano, ou boliviano, é tudo a mesma coisa), se divertia na Europa contando como se comia gente no Brasil e eu mesmo, que já andei escrevendo umas cenas de canibalismo, creio haver, certa feita em Nuremberg, percebido nervosismo numa companhia de mesa, cada vez em que eu olhava para o braço dela e pegava o *ketchup* (mas resisti e não dei uma dentadinha nela) (RIBEIRO, 2011, p. 18).

Por esse trecho, é possível entrever momentos biográficos na composição do enredo da crônica, visto que a experiência de estudar nos Estados Unidos e a escrita de cenas de canibalismo são situações que se incorporam à biografia de João Ubaldo Ribeiro, pois no romance ubaldiano *Viva o povo brasileiro* (1984) há cenas em que o

caboclo Capiroba e sua família se alimentam de outros homens, em práticas canibais, e também o romancista fez uma parte de sua formação acadêmica nos Estados Unidos. Dessa forma, a literatura e a biografia de Ribeiro se entrecruzam na crônica, possibilitando um relato de viagem com a vivência autobiográfica.

Do mesmo modo, mas não mais como um relato de viagem, o texto “Memórias de livros” relembra as memórias de infância do escritor baiano, seus primeiros contatos com as leituras, o tempo durante o qual morou em Aracaju, “a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe” (RIBEIRO, 2011, p. 83) – e a forma como a sua relação com os livros foi se constituindo:

De repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis (RIBEIRO, 2011, p. 86).

Nessa crônica, o ambiente afetivo que envolve a relação de João Ubaldo com os livros, visto que ele vem de uma família de leitores, como já declarou em muitas entrevistas, também é retomado pelo eu narrativo dessa crônica: “Toda a família sempre foi obsedada por livros [...]. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós” (RIBEIRO, 2011, p. 84). Similarmente ao romancista, o narrador aprende a ler muito jovem, por volta dos quatro anos, incentivado pelo pai, e também sofre a influência dos avós no seu gosto pela leitura, em especial da avó paterna, que permitia todo tipo de leitura livre. Assim, esses breves momentos biográficos possibilitam o entrecruzar de vivências, memórias e experiências do escritor João Ubaldo com a literatura delineada nas suas crônicas e, como num relampejo, iluminam com sopros de vida a escrita ubaldiana que se aproxima da autobiografia, sem que seja efetivamente uma narrativa autobiográfica em seus moldes “clássicos”.

Não se trata aqui da experiência da “viobra”, conforme relatada por François Dosse, em *La apuesta biográfica: escribir una vida* (2007), que corresponde à interpretação da obra literária a partir da biografia do autor, mas se trata sim de, superada essa visão simplista e restritiva, trabalhar com a noção de que alguns aspectos biográficos podem auxiliar na compreensão do texto literário, visto que não há redução

da obra à vida nem do autor ao narrador-personagem e sim a observação dos momentos em que eles se entrecruzam e permitem novas interpretações ao texto.

Na experiência de João Ubaldo Ribeiro, os traços biográficos impressos à narrativa literária possibilitaram a inserção de *Um brasileiro em Berlim* na conjuntura do espaço biográfico, de que nos fala Arfuch (2010), e os contornos de uma vivência coletiva e familiar que ganham acentos ainda mais amplos ao tratarem das migrações contemporâneas e permitirem entrever como uma identidade cultural é permeada por múltiplas identificações, desde as lembranças da infância à percepção do jeito acalorado e terno que forma a cultura brasileira, diferentemente da alemã, que se apresenta mais reservada.

Delineada a cartografia individual no texto, a trajetória do escritor assume acentuação coletiva e passa a representar a experiência daqueles que se aventuraram a morar em outro país. Consequentemente, a vivência do choque de culturas leva a repensar a própria identidade nacional a partir das expectativas criadas pelos outros estrangeiros. Esses processos de hibridação vividos possibilitam a conformação de um espaço no qual surge a impossibilidade de estabelecer uma identificação unívoca, mas sim identificações, a tensão vivida entre dois mundos de conteúdos dificilmente traduzíveis e, por vezes, incomunicáveis, e, por fim, uma ampliação de horizontes culturais que culmina na transformação da vida em arte literária.

## Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa; tradução prefácio à 2. ed. Gênese. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio Latino-americanos, I).

DOSSE, François. **La apuesta biografica**: escribir una vida. Valencia: Universidad Valencia: 2007.

LACLAU, Ernesto. Prefácio. In: ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 9-14.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Organização Ray-GüdeMertin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Versão digital.